

Obs: As notas de rodapé são observações da tradutora.

MILTON GURAN - Hoje é dia 20 de setembro de 1995, [estou] com Sr. Prosper de Souza. Bom, Sr, Prosper, depois da nossa primeira conversa eu fiz uma leitura do estatuto e tudo isso, e eu queria primeiro vos perguntar uma coisa. A expressão Mitô é um título ou uma forma respeitosa de chamar o chefe de família de Chachá? Essa expressão Mito, o que isso quer dizer exatamente?

PROSPER DE SOUZA - Em fom, na língua fom, entre nós, isso significa nosso pai. Mitô significa nosso pai.

MG - E Mitô é um título que damos a todos os regentes, a todos os chefes de família ou somente ao Chachá?

PS - Normalmente essa palavra Mitô é usada unicamente na família De Souza. Nós o chamamos Mitô, nosso pai.

MG - Nosso pai quer dizer o regente?

PS - O regente é um Mitô.

MG - Entendo. Bom, o regulamento interno e o estatuto não falam nada sobre Chachá. Quer dizer, o regulamento interno, em uma passagem, um artigo, diz que é preciso consultar o Chachá, ou o Mitô, para fixar a data da assembleia geral. Então, porque a figura de Chachá não está no regulamento interno e no estatuto?

PS - O Chachá, ele é que comanda toda a família. E em volta dele, tem o conselho supranacional. Isso figura no estatuto. O Mitô é ladeado do conselho supranacional, que toma as decisões com o Mitô. Esse conselho é encarregado de elaborar os programas a serem executados com o Mitô, com o Chachá.

MG - Então, se eu entendo bem, o Chachá, ele é o Chachá de toda a família Souza, e do bairro Brasil e tudo isso.

PS - Sim, sim.

MG - E a união, são os membros da família Souza que fazem a cotização.

PS - Os membros da família Souza que fazem a cotização para as festas.

MG - Que estão lá, na união.

PS - Sim, sim, e depois, próximo das festas, têm também os notáveis que moram no bairro Brasil que cotizam dinheiro e vêm dar dinheiro para as festividades em honra do Chachá.

MG - Nesse momento, agora, o presidente do conselho supranacional é o Sr. Honoré. Sr. Honoré ele vai tornar-se Chachá.

PS - Ele vai tornar-se Chachá.

MG - Então, ele será presidente do conselho supranacional e Chachá.

PS - Sim, sim.

MG - Mas, quando isso muda, podemos ter teoricamente um Chachá e um presidente do conselho.

PS - É o Chachá que é ao mesmo tempo presidente.

MG - E isso não está escrito no estatuto.

PS - Ah, não está escrito. Sim, sim.

MG - É por isso que eu digo, a dúvida está...

PS - Sim, o Chachá é ao mesmo tempo o presidente do conselho supranacional. Nós dizemos a palavra supranacional porque ele comanda o Togo e o Benim.

MG - Eh! Outra coisa, o escritório executivo que diz respeito o conselho supranacional...

PS - Ele é composto de onze membros.

MG - Que têm um mandato de dois anos.

PS - Um mandato de dois anos. Porque nós constituímos o escritório executivo? Para tomar as grandes decisões é preciso a presença dos 24 membros que constituem o conselho supranacional. Ora, tem, no Benim, doze, no Togo, doze. Quisemos restringir o numero para poder se tocar rapidamente. Os onze aqui, podemos encontrá-los rapidamente para tomar as grandes decisões e prestar contas para a assembleia geral do conselho supranacional.

MG - E então, os onze, se eu entendo bem, são os cinco do Togo, cinco do Benim e mais o presidente.

PS - É isso.

MG - Bom, o presidente, ele tem um mandato de dois anos, e o Chachá é para a vida. Então, o escritório muda e o presidente é o mesmo.

PS - Ele é sempre o mesmo.

MG - Não muda. O Chachá é sempre o presidente do conselho executivo e do conselho supranacional. O artigo seis diz que o presidente da união dá o perfil do presidente e nesse perfil, ele diz: "ser da religião do pai fundador".

PS - Aí, o pai fundador foi católico. É preciso obrigatoriamente que aquele que será nomeado chefe da família De Souza seja católico.

MG - Mas eu vos pergunto uma coisa. O chefe da família Dom Francisco de Souza e todos os brasileiros, o senhor sabe que no Brasil temos 90% [de pessoas] da religião católica e 5% animistas, porque todo mundo faz sua consulta ao Fá e, ter alguma coisa com o vodu, uma vez que tem, por que não? E no grosso livro da Madame Simone de Souza, falam de Gbayohoun, o gênio protetor da família De Souza.

PS - Nós temos o Dagoun e que, euh! Antigamente, no bom e velho tempo, os filhos de Chachá morriam em grande numero e me parece que lhe tinham dado o fetiche Dagoun para proteger seus filhos, e depois que o instalaram, não teve mais mortalidade entre os filhos de Chachá. É por isso que tem o fetiche Dagoun para o Chachá, mas, de fato, ele mesmo é católico.<sup>1</sup>

MG - Sim, sim, eu vejo. Eu entendo isso, completamente, porque eu também sou brasileiro, eu também sou católico e eu também tenho minha devoção ao meu orixá de terra. Uma coisa não impede a outra. É o sincretismo.

PS - Sim, sim.

MG - Mas como o estatuto faz referência à religião do pai fundador, eu disse comigo que é a religião católica.

PS - Sim, sim, é isso.

MG - E nesse caso aí, eu me pergunto qual é a posição de Dagoun em todo esse negócio aí.

PS - Ele está sempre lá. Colocamos um chefe de fetiche aí, que não é um membro da nossa família, que pertence a uma família aliada nossa, que não é De Souza, para dar uma direção<sup>2</sup> à coisa. Não posicionamos diretamente um De Souza como chefe de fetiche aí. Colocamos um membro de uma família aliada. Para não dar a entender que é um De Souza que cuida desse fetiche aí. O senhor me entendeu?

MG - Sim, eu entendi. Aliás, como no artigo 6, ele não fala de Dagoun, ele fala, se jamais um Souza coloca na cabeça de virar muçulmano, ele não pode tornar-se Chachá.

PS - É isso, ele não pode.

MG - De qualquer forma, um Souza ou não importa quem, pode ter sua devoção, do lado da [religião] católica. Isso não é um drama, não é um crime, é totalmente brasileiro.

PS - É isso.

---

<sup>1</sup> Esse parágrafo está anotado com um traço vertical que segue a palavra “Dagoun”.

<sup>2</sup> No manuscrito está escrito “donner une mance à la chose”, sendo que “mance” não tem significado em francês. Pode ser “manche”, “avoir quelqu’un à la manche”, ter alguém a suas ordens.

MG - Bom, outra coisa é que eu queria saber qual é a relação do Chachá com o poder do Estado. Eu pergunto ao senhor, é igual ao chefe tradicional?

PS - O Chachá deve ter um comportamento apolítico. Ele não pode se misturar na política. Ele tem, ele pode, segundo sua vontade, apoiar um candidato político.

MG - Isso é um problema para ele.

PS - Mas ele não pode ostentar, por exemplo, dizer que o Chachá será candidato à deputado, não. O Chachá vai pretender ser ministro? Não. Não, ele não vai se meter na política.

MG - Eu vos peço para explicar meu raciocínio, talvez eu esteja errado, porque eu tento entender o Benim, não é fácil.

PS - Não é fácil.

MG - É desde a renovação democrática que vemos a revalorização da chefia tradicional, senão o regime de chefia tradicional não existia.

PS - Isso não existia.

MG - Quer dizer, sempre existiu, mas não era levado em conta.

PS - Sim, sim.

MG - Agora, o que vemos, a visibilidade, tem cerimônias no palácio dos presidentes, cerimônias públicas como, por exemplo, “a rota da escravidão”. Tinha vários chefes tradicionais lá. Tinha até o Daagbo Hounon<sup>3</sup>. Nesse contexto aí, o Chachá é parecido?

PS - Sim, ele é igual. Ele é convidado. Ele não recusa.

MG - Então eu entendo. Bom, uma pequena dúvida. A festa de (oito de maio?)<sup>4</sup>, em Anecho<sup>5</sup>, lá em Adjido, ela já é uma tradição ou vai começar agora?

PS - Vamos começar agora.

MG - Nunca fizeram isso?

PS - Não, nunca fizeram isso. Prevemos agora, isso pode ser colocado em execução a partir do ano que vem.

MG - Oito de maio.

PS - Oito de maio, vamos festejar sua data de morte. Em Anecho. E no dia 4 de outubro vamos festejar sua data de nascimento, aqui.

---

<sup>3</sup> Chefe de todos os sacerdotes de vodu do Benim.

<sup>4</sup> A palavra entre parênteses está rasurada, mas se lê “huit mai”, oito de maio.

<sup>5</sup> Essa cidade, Anecho, também é conhecida por Aného.

MG - Ah, muito bem. Assim, a comunidade do Togo vai se encarregar de uma comemoração.

PS - Como se diz “*Dieu m’aide*” em português?

MG - Deus me ajuda.

PS - Deus me ajuda. *Dieu m’aide*. Ajuda. O fom, traduzindo, sempre disse Adjido. Daí o nome do bairro Adjido.

MG - Ah!

PS - Quando Chachá chegou, ele fez um negócio em Badagry, na Nigéria: Deus me ajuda. *Dieu m’aide*. Bom, os fom, querendo traduzir ajuda disseram adjido. É isso.

MG - Ah, então o bairro é isso.

PS - Tem Adjido em Badragy, na Nigéria. Tem Adjido em Uidá, pertinho daqui, e tem Adjido em Anecho também.

MG - São os rastros de Chachá.

PS - Cada vez que ele chegava a algum lugar, “Deus me ajuda”.

MG - Isso é realmente interessante.

PS - É isso.

MG - Bom, uma ultima questão. Tem o cônsul da França que se chama Sr. Jean de Souza e no livro de Madame Simone, está lá: “Jean de Souza veio à França”. Ele é da família De Souza?

PS - E a linhagem dele é De Souza. Ele nos falou que é do ramo De Souza. Ele veio duas vezes sucessivamente comer conosco aqui, no dia 4 de outubro, para as festividades. E quando ele... Ele não está mais no Benim agora.

MG - Ah, não, ele continua no Benim.

PS - Ele continua no Benim? Ah! Isso...

MG - É preciso convidá-lo para as festas.

PS - Nós vamos convidá-lo.

MG - Ele é ainda o cônsul, se nesse momento ele partiu em viagem, eu não sei. Mas eu liguei para ele há dois dias. Ele não estava. Disseram: “O senhor de Souza não está. Ele saiu e estará aqui às 16 horas”.

PS - Ele continua no Benim?

MG - Continua no Benim. Mas o senhor não sabe de que ramo ele é?

PS - Não, não sabemos. Mas quando ele, desde sua chegada nós o convidamos para vir para a festa, nós lhe colocamos algumas questões, ele nos disse que é do mesmo ramo.

MG - Eu vos agradeço, eu paro aqui.

PS - Sim, sim.

FIM